

Música, uma questão de gosto? ¹

Hugo L. Ribeiro

Se Bruno Nettl costuma utilizar perguntas feitas a ele em coquetéis por leigos em música ou em etnomusicologia², aqui no Brasil nada mais justo do que utilizar conversas de barzinho, a chamada **filosofia de botequim**.

Numa dessas ocasiões, que não são raras, quando estava numa calorosa conversa com outros amigos, também músicos, que chega um rapaz com seu carro, equipado com uma parafernália sonora monstruosa³, abre o porta malas e bombardeia os presentes com uma seleção musical a seu gosto, sem tomar conhecimento se incomodava ou não qualquer um dos presentes. Uma reação imediata foi levantar a seguinte pergunta: **Como alguém pode gostar desse tipo de música?** Ainda bem que Adorno não estava presente...

Não é preciso dizer que a conversa rapidamente tomou o rumo das questões estéticas, e foi para no lugar comum da individualidade de cada um. Dessa forma, o gosto juntou-se com a religião, a política e o futebol no novo quadrivium das questões que não se discutem. Mas, como sou teimoso, continuei a chatear meus conferencistas.

Cultura é um bem comum, e entendendo esta como um conjunto de ações e seus significados dentro de grupos sociais. **Significado** requer conhecimento de algo. E é a capacidade de compartilhar conhecimentos a partir de um mesmo objeto que nos torna capazes de nos comunicar e acumular conhecimento. Esse acúmulo de conhecimento nos remete à capacidade de **aprendizagem**. E é essa capacidade inata que nos torna indivíduos singulares. Mas, a industrialização dos processos de aprendizagem, do qual somos produtos, tendem a nos moldar dentro de uma cultura oficial, que elege padrões de comportamento e **padrões estéticos**. Seguir padrões é ser normal, é ser aceito. Transgredir padrões é sinônimo de marginalização, agressão. Aceitar algo que está fora dos padrões "oficiais" requer uma maior reflexão e concentração. Basta compararmos um quadro de Da Vinci com um quadro de Dali.

No cinema, por exemplo, há o padrão "**hollymoodiano**". Americanos só gostam de filmes em Ingua pátria. Se segue o padrão "hollymoodiano" é classificado como drama, aventura, comédia e etc.. Se não segue esse padrão é simplesmente classificado de independente. Se for estrangeiro então, transforma-se automaticamente em "**filme de arte**", quase como numa aceitação de sua própria exclusão. E há também um certo etnocentrismo cinematográfico, quando se constata a mísera minoria que assiste a filmes produzidos em outros países. No Brasil há quinze anos atrás não se assistia a produção cinematográfica tupiniquim, e quando tentados a apreciar os poucos filmes que entravam no circuito comercial éramos alertados de que era um filme nacional.

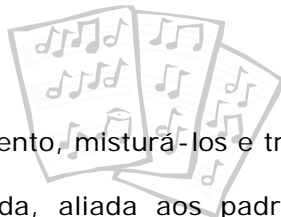
Na música, fomos convencidos de que quanto mais complexo, melhor. Hoje, sofremos de **osteoporose**. Talvez seja compreensível que num país onde a grande maioria seja submetida a uma jornada cansativa de trabalho, com poucas oportunidades de aprendizagem formal, opte por uma preferência musical mais simples, onde reina a **repetição** e a **limitação** em todos os níveis possíveis e imagináveis. Pensando bem, quem consegue ouvir uma fuga de Bach após dez horas de trabalho braçal?

Isso não quer dizer que um garoto que mora na favela não possa ter o sonho de virar um tenor operístico, ou que um rico empresário não goste de ouvir o "Harmonia do Samba" num botequim. Aqui impera a individualidade, a capacidade inata e

¹ Crônica II, 1 de maio de 2003, as fronteiras de pertencimento.

² Cf. *The Study of Ethnomusicology*.

³ Alguns chegam a gastar em equipamentos quase a metade do valor do próprio carro.



individual de acumular conhecimento, misturá-los e transformá-los em sua experiência de vida.

É essa experiência de vida, aliada aos padrões sociais de pertencimento e aceitação, que vão guiar o comportamento estético do indivíduo. E se nos deparamos com um produto musical que não nos agrada, como é o caso do tal rapaz e seu mini trio elétrico no “nosso” barzinho, não podemos simplesmente fechar os olhos – já que os ouvidos nós realmente não podemos – e afirmar que é essa pessoa não tem cultura suficiente para ouvir “boa música”. Música boa ou música ruim talvez seja algo relativo. Minha música, sua música, nossa música talvez seja mais aceitável. Mas novamente, o que é **“minha música”**?

Voltemos à cultura e seus processos de aprendizagem e acúmulo. Se for filho de fazendeiros que vivem no campo e sempre ouviram música sertaneja, provavelmente essa será minha música. Mas, se a partir de certa idade eu me mude para a “cidade grande”, estude com pessoas de gostos distintos, e com meus novos colegas eu seja catequizado em novos estilos musicais (rap, rock, punk, jazz, samba, tango, pagode) por diferentes grupos sociais (colegas de escola, vizinhos, namoradas) qual será minha música?

Nesses termos, poderíamos dizer que o padrão social influencia diretamente no gosto estético, e a necessidade de pertencimento acaba guiando as escolhas individuais; ou são as vivências individuais que moldam o gosto estético?

Aproveito para saciar uma outra dúvida: quem veio primeiro, o ovo ou a galinha?